



Educomunicação e Saúde: interdisciplinaridade nas ondas do rádio¹

Flávia Mayer dos Santos Souza²
Centro Universitário Vila Velha
Maria Cristina Dadalto³
Centro Universitário Vila Velha

Resumo

Apresenta experiência de natureza interdisciplinar desenvolvida em 2008, voltada para a produção de material radiojornalístico sobre temáticas do campo da saúde. Realizada no âmbito do projeto de extensão em rádio, no curso de Jornalismo, a atividade caracteriza-se pela parceria com cursos da área da saúde, que contribuem desde a formulação das pautas até a análise dos produtos gerados. Com o desenvolvimento e o reconhecimento da importância desse projeto pela equipe docente e discente envolvida, partiu-se para o incremento das atividades laboratoriais, realizando um acompanhamento crítico, com o suporte da teoria da educomunicação, com vistas a implementar ações pedagógicas reflexivas nos curso de comunicação e que possibilitem a formulação de uma práxis pedagógica em nível laboratorial que compreenda o universo proposto.

Palavras-chave

Educomunicação; saúde; interdisciplinaridade; produção laboratorial.

Introdução

O que fazer para preparar melhor os futuros profissionais das áreas de comunicação social para atuar de forma mais interativa, complexa e eficaz com relação ao campo da saúde? É possível estabelecer uma competência já na graduação para atender às demandas sociais da comunicação pública de saúde? As ações e discussões críticas sobre comunicação e saúde têm permeado, sobretudo, os cursos de pós-graduação, contudo, poucas são, pelo menos em termos de divulgação, aquelas promovidas na graduação.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Mestre em Educação, flavia.mayer@yahoo.com.br

³ Doutora em Ciências Sociais, dadalto@uvv.br.

Co-autores: Darcilia Moyses, Mestre em Estudos Literários, darcilia@uvv.br, e Gilda Soares Miranda, Mestre em Educação, gildasmiranda@yahoo.com.br



O desenvolvimento e a necessidade de maior e melhor capacitação dos profissionais de comunicação para atuar com a comunicação pública de saúde têm apontado uma verdadeira carência nessa direção. Portanto, compreender interdisciplinarmente e transversalmente a complexidade que move a visão de mundo, o sistema simbólico, as estruturas e as tipificações dessas demandas, numa perspectiva permeada pelos conceitos da educomunicação, pode ser mais uma possibilidade de refletir e avaliar criticamente a ação dos profissionais de comunicação. De acordo com Xavier (2006, p. 44),

[...] a comunicação em saúde tem um lugar de fala muito preciso e alguns importantes instrumentos, pelos quais é capaz de induzir muita reflexão, mas alcançar pouca repercussão e abrangência. [...] Os esforços no âmbito da comunicação em saúde permanecem, com poucas exceções, restritos aos seus próprios ambientes de produção: instituições governamentais, universidades, profissionais da saúde, tendo dificuldade de alcançar até mesmo os próprios serviços de saúde.

Nesse sentido, entende-se que atuar a partir de uma concepção da educomunicação para a saúde abre a possibilidade de compreender, de forma cada vez mais ampla, o papel da comunicação como produtora de acesso à cidadania, seja difundindo informações e orientações de caráter coletivo com relação ao desenvolvimento das áreas de saúde, seja ajudando a difundir junto à opinião pública a saúde como um direito subjetivo.

O encontro das áreas de educação e comunicação volta-se, assim, para o fortalecimento do cidadão. Os meios de comunicação deslocam-se de uma fala para alguém e passam para a perspectiva de uma fala com, de modo que a relação entre receptor e mídia passa a ser menos assimétrica. O receptor adentra, também, como produtor, como alguém que, ao mesmo que tempo que se informa com a mídia, também forja espaços nos meios de comunicação.

Assim, a Ciência da Comunicação volta-se para a Educação na busca de um espaço de relações pessoais no qual possa trabalhar com os aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do público e onde prevaleça, por sobre os interesses comerciais e econômicos, uma postura formativa e libertadora (COSTA, 2008, p. 2).

Neste artigo busca-se discutir a aproximação entre os campos da comunicação, educação e saúde, por meio de experiência desenvolvida no âmbito do projeto de extensão em rádio desenvolvido no curso de Jornalismo do Centro Universitário Vila Velha.



A proposta – iniciada em 2008 e ainda em curso – parte do pressuposto de que é indispensável que haja um maior conhecimento das práticas de comunicação e saúde por ambas as áreas. Caso se considere acompanhar as ações e estratégias de comunicação focadas na saúde em nosso País, desenvolvidas tanto por ONGS, quanto pelos Governos, ou por empresas privadas, evidenciam-se alguns equívocos e distorções que penalizam, sobretudo, o usuário da informação, seja ele um leitor de jornais e revistas, um radiouvinte, um telespectador ou um internauta. Concorrem para definir este cenário, fatores intrínsecos ao processo de comunicação, envolvendo tanto quem fala (fonte/profissionais da área de saúde), como quem produz a informação (jornalista/publicitário), como o receptor (público-alvo da informação). Nesse sentido, Bueno (2008, p. 671) pondera que

Para se chegar, portanto, a uma terapêutica adequada, capaz de debelar a doença (a ineficácia do processo de comunicação em saúde), será necessário um diagnóstico abrangente que contemple não apenas o paciente (a mídia brasileira especificamente), mas o contexto em que ele se insere. Em princípio, essa abordagem não tem nada de inovadora, ainda que, no campo da saúde, a especialização conduza a atenção para o detalhe em detrimento do todo.

Desse modo, optou-se, no presente projeto, por ampliar o foco: promover uma práxis interdisciplinar e transversal, fundamentada na educomunicação. Frente a esse desafio, professores e estudantes dos cursos de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda), junto com professores dos cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Nutrição, Fonaudiologia, Medicina e Psicologia do Centro Universitário Vila Velha, iniciaram uma discussão sobre a realização de atividades jornalísticas especializadas em comunicação e saúde.

A experiência de produção laboratorial voltada para Educomunicação e Saúde

Em outubro de 2008, professores e estudantes dos cursos de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda), bem como professores de seis diferentes cursos da área da saúde debruçaram-se em torno da produção de programas de radiojornalismo sobre temáticas da saúde. O percurso foi trilhado conjuntamente, definições e estratégias decididas na coletividade, considerando que a reflexão crítica acerca do processo comunicativo configura a base de um projeto de educomunicação.



Nesse sentido, foram várias as etapas estabelecidas para a realização do projeto, planejadas a partir do Manual de Educomunicação desenvolvido pelo Ministério da Educação (2006): 1) reuniões de discussão da proposta, com os professores dos cursos envolvidos no projeto e estagiários de Jornalismo; 2) pesquisa de pautas de interesse de debate com estudantes universitários público-alvo do programa; 3) produção de programas; 4) apresentação dos materiais; 5) avaliação, isto é, análise junto com os professores envolvidos, para reflexão do trabalho em desenvolvimento.

Na primeira reunião de definição de pautas, foi sugerida, por um professor do campo da saúde, a discussão do tema anencefalia, bem como indicados os docentes que poderiam ser entrevistados sobre o assunto. Foram produzidos, assim, dois programetes sobre essa questão, um explicativo sobre o tema e outro específico sobre aborto de anencéfalo. Os materiais foram veiculados na Rádio Cidade FM, que tem como público o jovem universitário. Os programas apresentam dois minutos de duração e são exibidos duas vezes por semana.

Na sequência, os programetes foram avaliados pelo corpo discente e docente das áreas de comunicação e de saúde. Os alunos de Jornalismo revelaram que, nesse primeiro momento, encontraram algumas dificuldades, por conta do desconhecimento de assuntos que surgiram no decorrer da entrevista. Tal aspecto apontou a necessidade de um estudo um pouco mais aprofundado sobre o tema antes da realização da entrevista e, para isso, os professores da área da saúde indicaram periódicos e sites que podem servir de base para os alunos de Jornalismo.

Nessa primeira reunião de análise da produção, os professores da área de saúde deixaram claro que se surpreenderam com a qualidade da produção e evidenciaram como o espaço do rádio pode ter, de fato, um grande potencial para informar temas dessa natureza.

Na oportunidade, ponderou-se que, na perspectiva da educomunicação, os processos devem incitar maior participação do receptor. A partir de então, foi feito o levantamento junto ao público-alvo da rádio – constituído por jovens universitários – dos temas da área da saúde que os interessavam. Buscou-se, assim, uma aproximação com o público, mostrando o caráter da comunicação como uma via de mão dupla. Nessa perspectiva, a relação com a mídia, caracterizada por uma grande assimetria, é reconfigurada e o receptor tem condições de experienciar uma outra forma de comunicação, ou seja, se não há brechas que permitam a participação junto a grandes meios, há condições de forjá-las.



O lugar do receptor, como um produtor, passa a ser destacado e, como partícipe desse processo, ele ocupa a posição de alguém que negocia os sentidos e, assim, significa e ressignifica o produto veiculado na mídia (MARTIN-BARBERO, 2003). É justamente nesse ponto que a educação pode fortalecer o lugar do receptor, de modo que ele se posicione ativamente em relação ao produto midiático.

Essa experiência de aproximação do rádio com o público ainda precisa ser mais trabalhada. O levantamento foi a única maneira possível, num primeiro momento, de colher, junto ao público, informações sobre os assuntos da saúde que gostariam de conhecer mais. Desse modo, verificou-se a necessidade de criação de um canal – e-mail, por exemplo – para que o público possa manifestar os assuntos de seu interesse e participar ativamente da construção da programação.

De qualquer modo, as reuniões com o corpo docente e discente tornaram-se, assim, um fórum rico de debates que retroalimentavam o processo de produção. E, para dar mais agilidade às discussões, foi sugerido que os programas fossem enviados por e-mail aos membros desse grupo, para o acompanhamento do desenrolar do projeto.

É justamente nesse ponto que a educação pode fortalecer o lugar do receptor, de modo que ele se posicione ativamente em relação ao produto midiático. Nessa direção, é fundamental que a educação para os meios de comunicação entre em espaços como a escola. Assim, à medida que os receptores (aqui compreendidos como corpo docente, discente e receptores da informação) se fortalecem – ainda que a relação com a mídia seja assimétrica – terão mais oportunidades para compreender e questionar o que é veiculado.

Esses primeiros passos podem contribuir para o cenário vislumbrado por Pereira Júnior (UNESCO/UMESP/FAI, 2001, p. 435), no qual:

[...] os meios de comunicação levassem ao cidadão informações sobre ações concretas que demonstrassem as diversas práticas de promover saúde e, acima de tudo, que favorecessem a efetiva participação de cada uma na gestão de seus problemas de saúde. Por meio da conscientização, esperamos que a comunidade possa assumir, de forma cada vez mais lúcida e autônoma, seu papel de protagonista e agente social.

Essa práxis poderá, portanto, provocar mudanças para profissionais de comunicação e saúde. Isso, porque as informações especializadas na área da saúde não são facilmente acessíveis aos não iniciados (mesmo profissionais de uma especialidade têm dificuldade de acompanhar os avanços em outras especialidades médicas). Dessa forma, ao se



defrontar com um profissional da saúde, o comunicador, normalmente, tem uma dificuldade de compreendê-lo, pois desconhece conceitos básicos e não está acostumado com seu discurso. Há na cultura do especialista uma disposição em não se comunicar com os leigos e esta disposição está manifesta no seu discurso, que é a expressão de uma autoridade. Contudo, não há comunicação se os interlocutores não comungam das mesmas experiências, linguagens ou se, pelo menos, não se esforçam para se fazerem entender. Compreender e refletir criticamente sobre este processo é fundamental para jornalistas e profissionais da área de saúde. Iniciar esta ação-reflexão na Universidade é possibilitar uma mudança no olhar dos futuros profissionais.

Considerações finais

Durante os dois meses e meio de realização do projeto em 2008 – outubro, novembro e parte de dezembro – foram produzidos 13 programas de radiojornalismo sobre temáticas variadas – anencefalia, aborto de anencéfalo, alteração postural, gagueira, hipertensão, ortopedia, serviços da clínica de fisioterapia para a comunidade, surdez, preservativo feminino, serviços do hospital veterinário para a comunidade, cuidados com a voz e dois sobre eventos realizados pelos cursos envolvidos no projeto (Jornada de Nutrição e Seminário de Traumatologia). A análise desses produtos revelou – para os docentes de Comunicação e dos cursos da Saúde e discentes de Jornalismo – a importância da aproximação dos campos, do aprofundamento do estudo e de experimentações maiores nesse âmbito, o que provocou a continuidade do projeto em 2009.

Assim, a reunião dos diferentes olhares – da Comunicação e da Saúde – possibilitou grandes trocas: no planejamento da produção de programas de rádio sobre temáticas da saúde; na definição das fontes que dariam o suporte para a construção dos programas de rádio, bem como livros, revistas, sites e pesquisas que poderiam configurar base para as entrevistas; na análise crítica da cobertura de saúde pela mídia produzida pelo corpo discente do curso de Jornalismo, nas atividades de radiojornalismo; na avaliação, com base na teoria da educomunicação, da prática pedagógica em curso para o desenvolvimento das atividades de Comunicação e Saúde.

A trajetória possibilitou uma experiência enriquecedora para docentes e discentes, especialmente nas fases de definição de pautas e análise da produção. Os critérios utilizados para produção e análise-reflexão da práxis laboratorial eram exaustivamente debatidos com os professores das áreas de saúde, que contavam com uma seleção de artigos para leitura e produção das pautas. Em sendo prática laboratorial, envolvendo



professores de áreas interdisciplinares, possibilitou o conhecimento de linguagens e códigos não próprios ao mundo do estudante.

O percurso definido privilegiou, assim, tanto o processo quanto o produto. Dessa maneira, a experiência de gestão do processo comunicativo e, também, a produção desenvolvida, já que foram acompanhados de análise e, conseqüentemente, de aprendizagem, contribuíam para a modificação do processo e da construção dos programas.

Buscou-se, desse modo, que o aluno se reconhecesse como um sujeito autônomo, capaz de produzir e, também, receber criticamente os produtos do campo da comunicação. Permitiu, também, que a equipe docente promovesse uma troca multidisciplinar entre áreas que, tradicionalmente, pouco se conversam na academia, gerando novas perspectivas de atuação e conhecimento. Nessa direção, os indicadores iniciais apontam como positiva a possibilidade de estabelecer uma competência já na graduação para atender às demandas sociais da comunicação pública de saúde.

Referências

BUENO, Wilson da Costa. A cobertura de saúde na mídia brasileira: os sintomas de uma doença anunciada. In: EPSTEIN, Isaac [et al.] (Org.). **Mídia e Saúde**. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.

COSTA, Maria Cristina Castilho Costa. **Educomunicador é preciso**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/7.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Manual de Educomunicação**. 2006. Disponível em: <<http://www.cdcc.sc.usp.br/CESCAR/Atualizacao/10.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

PEREIRA JÚNIOR, Ademir. Comunicação em Saúde Pública: uma análise sobre alguns casos bem sucedidos. In: EPSTEIN, Isaac [et al.] (Org.). **Mídia e Saúde**. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.

XAVIER, Caco. Mídia e saúde, saúde na mídia. In: SANTOS, Adriana (Org.). **Caderno mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006, p. 43-56. Disponível em: <http://www.projedoradix.com.br/arq_artigo/livros/midiasaude.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2009.